



5. Visões da "Modernidade": A Instrumentalização da Intolerância e as suas Representações no Cinema Contemporâneo

Paulo Roberto Alves Teles^I

O alvorecer do século XXI tem sido caracterizado por uma enorme discussão entre o conceito que se construiu sobre a modernidade e a sua relação com um violento processo de instrumentalização da intolerância. Este artigo tem como objetivo discutir como a ideia de modernidade e de globalização está relacionada com a instrumentalização da intolerância, e ainda, pretendemos analisar como essa relação se manifesta na recente produção fílmica. Para isso, selecionamos o documentário *Skinhead Attitude!* (2003). Questões como nacionalismo, anti-semitismo e intolerância são discutidas de diferentes maneiras pelo filme analisado e tem como foco a adoção de posturas éticas questionáveis e da intolerância como resposta ao mundo globalizado.

Palavras-chave: Intolerância, Representação, Modernidade.

The dawn of twenty-first century carries with it an endless discussion set by the clash between the idea was built about modernity, and violent process of instrumentalization of intolerance. This article discusses how the idea of modernity and globalization are related to the process of instrumentalization of intolerance, in addition, we intend to analyze how this relationship is involved in the recent movie production, which we consider products or cultural evidence of his time. For this, we use for analysis the documentary *Skinhead Attitude!* (2003). Issues if nationalism, anti-Semitism and intolerance are discussed in different ways the film analyzed and focus on the adoption of intolerance in answer to the globalized world, and present questionable ethical positions.

Keywords: Intolerance, Representation, Modernity.

Introdução

Muito se produziu a respeito de um possível conceito de modernidade. De Francis Fukuyama (1989)^{II} a Paul Virilio (2000)^{III} a ideia de modernidade e sua relação com a História, a



Filosofia e as Ciências Sociais adquiriu um caráter fluído e efêmero que permite discuti-la sobre vários aspectos. Aqui, não pretendemos realizar um debate específico sobre ela, mas sim promover, nesse primeiro momento, uma discussão sobre uma das faces desse suposto Mundo Moderno: A Globalização.

Fenômeno intrigante que provoca uma série de questionamentos, a Globalização é mais instigada pelos seus efeitos do que pelo seu conceito em si e uma de suas mais fascinantes características é a fluidez que ela impôs à organização do espaço mundial. Para Zygmunt Bauman (1999)^{IV} a globalização teria transformado as antigas fronteiras geográficas em fronteiras sócio-culturais o que consequentemente resultaria numa alteração dos conceitos habituais de distância, proximidade e tempo. Nesse sentido, este fenômeno estaria associado ao enorme desenvolvimento dos meios de transporte assistido nos anos referentes a Revolução Industrial, a qual teria sido também responsável pelo melhoramento das formas de comunicação. De acordo com ele:

[...] Dentre todos os fatores técnicos da mobilidade, um papel particularmente importante foi desempenhado pelo transporte da informação – o tipo de comunicação que não envolve o movimento de corpos físicos ou só faz secundária e marginalmente. Desenvolveram-se de forma consistente meios técnicos que também permitiram à informação viajar independente dos seus portadores físicos – e independente também dos objetos sobre os quais informava: meios que libertavam os “significantes” do controle dos “significados” [...]

Mesmo assim, o autor não entende esse acontecimento como algo exclusivamente positivo, pois para ele, o excesso de informações que inundam a sociedade diariamente traria prejuízos para o seu processo de esclarecimento. Além disso, a construção de uma nova espacialidade no meio social e a construção de mecanismos que facilitariam a informação teriam sido responsáveis pelo afastamento das relações humanas e, por assim dizer, por uma crise nas relações de afeto. Esse novo distanciamento e consequentemente essa nova forma de organização social teriam auxiliado a minimizar determinados sentidos nas ações humanas. Como o próprio Bauman (1999) sugeriu ao citar Timothy W. Luke, o conflito não é mais cara a cara e o combate não é mais corpo a corpo. Essa perda de sentido, e esse distanciamento dos impactos provocados por determinadas decisões estaria relacionado com um suposto processo de naturalização ou banalização da violência^V evidenciado pelos conflitos ocorridos ao longo



do século XX. Dessa maneira, o caminho percorrido em direção a racionalidade, progresso e desenvolvimento tecnológico, ao invés de premiar a sociedade com benefícios como a preservação da vida humana e paz duradoura, provocou justamente o efeito contrário. Para o autor

[...] Sempre que foi empreendida a execução de tais planos, as tentativas de “homogeneizar” o espaço urbano, de torná-lo “lógico”, “funcional” ou “legível” redundaram na desintegração das redes protetoras tecidas pelos laços humanos, na experiência fisicamente devastadora do abandono e da solidão [...]

Dito isto, percebe-se também que a globalização ao eliminar os significados estabelecidos pelas localidades promove tentativas de homogeneização da sociedade além de buscas no sentido de eliminação das identidades locais. Contudo, apesar disso, ela acabou tendo efeitos contrários, como por exemplo, o surgimento de grupos com características neotribais, o que representariam reações às tentativas citadas acima.

Nesse sentido, esses grupos, que na maioria são àqueles considerados excluídos pelo processo globalizante, constroem, à sua maneira, mecanismos como barreiras e limitações, com o intuito de expulsar do seu suposto espaço àqueles que os exclui.^{VI}

Ao considerarmos o cinema como registro do imaginário^{VII} de uma época, utilizaremos algumas obras como evidências das problemáticas citadas acima. Assim, pretendemos nesse trabalho expor algumas observações a respeito da relação modernidade – globalização e como ela está relacionada com o processo de instrumentalização da intolerância, além disso, pretendemos analisar de que maneira essa relação se envolve com a recente produção fílmica, a qual consideramos produtos ou evidências culturais de sua época. Para isso, utilizaremos como material de análise o documentário *Skinhead Atitude* (2003)^{VIII} Pois nele, algumas categorias como nacionalismo, anti-semitismo e intolerância são discutidas de diferentes formas pelos filmes analisados e enfocam a adoção da intolerância como resposta ao mundo globalizado, além de apresentar posturas éticas questionáveis.

Cinematógrafo: o discurso e as representações da intolerância nas telas do cinema



Qualquer pesquisa inicial que deseje se debruçar sobre o cinema^{IX} carrega em torno de si três grandes perguntas: O que a imagem reflete? Qual o grau possível de manipulação das imagens selecionadas? Quais os impactos das películas sobre a sociedade que as assiste? Apesar de serem questionamentos demasiadamente levantados, eles ainda são incômodos o suficiente para exigir debates e respostas.

O debate sobre uma nova e possível metodologia é longo e certamente polêmico, vai desde a escolha de objetos considerados efêmeros como a internet até, fontes consideradas tendenciosas e deslocadas como o cinema. Selecionamos essa última por entender que desde o final do século XIX as formas de representação do real estariam se modificando isto é, as imagens passariam cada vez mais a assumir posições de destaque nos estudos e interpretações da realidade e possibilitariam, dessa forma, a sua transformação em “textos” pertencentes aos séculos XX e XXI.

Não é de agora que o cinema desperta a atenção do homem. Há muito este veículo de imagens e intenções tem sido utilizado de diferentes maneiras e analisado de outras tantas diferentes formas. De acordo com Jorge Nóvoa (2008), o cinema pode e deve ser interpretado como uma ferramenta que foi responsável pelo registro do imaginário.

As produções cinematográficas ligadas a temas que se propuseram a apresentar, de formas diretas ou mais contidas a intolerância, foram lugar comum no cenário do cinema mundial. Podemos perceber que em certa medida, esta abordagem fora realizada de forma contestatória ou simplesmente justificadora como, por exemplo, O Judeu Sürs dirigido por Veit Harlam em 1940, O Triunfo da Vontade (Triumph des Willens – 1935) produzido pela cineasta alemã Leni Riefenstahl sob encomenda do Partido Nazista. Outro exemplo claro seria o filme Vampiros de Almas (Invasion of the Body Snatchers – 1956) dirigido por Don Siegel no ambiente do Macarthismo estadunidense ou até mesmo Chapaev (1934) dirigido por Georg e Sergei Vasilyev com o intuito de agradar o regime stalinista.

A partir da década de 70 do século XX outros filmes abordaram em perspectivas variadas a temática Intolerância. A lista é imensa, contudo, podemos extrair dela alguns destaques como Laranja Mecânica (A Clockwork Orange - 1971) de Stanley Kubrick, A Onda (The Wave - 1981) de Alex Grasshoff, Mississippi em chamas (Mississippi Burning – 1988) de Alan Parker, Faça a coisa certa (Do the right thing - 1989) de Spike Lee, A Força Branca (Romper Stomper



- 1992) de Geoffrey Wright, A Outra História Americana (American History X – 1998) de Tony Kaye e Edward Norton, dentre tantos outros produzidos nesse período.

Tais filmes apresentaram, de uma forma geral, certa desumanização do indivíduo e abordaram temas variados. Suas discussões foram desde o sadismo de Laranja Mecânica (1971) a problemas relacionados às cidades, disputas territoriais e tensões étnicas como Táxi driver (Martin Scorsese-1976) e Faça a coisa certa (1989). No entanto, a partir da década de 90 percebe-se uma produção fílmica, onde o destaque é o aparecimento de tribos urbanas, como por exemplo, o movimento skinhead, em especial, skinheads neonazi. Películas como Skinheads (Skinheads : The Second Coming Of Hate – 1989) de Greydon Clark , A Força Branca (Romper Stomper - 1992) de Geoffrey Wright e A Outra História Americana (American History X – 1998) de Tony Kaye e Edward Norton, apresentam uma tendência de produções e abordagens fílmicas sobre esse tema.

A partir da primeira década do século XXI, apesar das produções se inserirem num mesmo contexto, tribos urbanas, intolerância e neofascismo, elas já apresentavam um amadurecimento em suas abordagens. Coincidentemente, é notável também o surgimento de um discurso extremamente conservador no cenário político mundial e de movimentos caracterizados por uma oposição ao contexto globalizante, temáticas que também surgem nesses novos filmes.

O bem-estar social em xeque: a implantação do neoliberalismo e o surgimento do movimento neofascista^X

Entre os anos de 1973 e 1979 o mundo assistiu atônito a duas crises consecutivas do petróleo responsáveis pela destruição de todo um *modus vivendi* anterior. As economias capitalistas caracterizadas pela política do *welfare state* (bem-estar social)^{XI} perderam fôlego para manter suas posturas anteriores e diante disso, precisaram se readaptar. As transformações provocadas por essa mudança de postura culminaram no estabelecimento do Neoliberalismo, o qual seria marcado pela criação do Estado mínimo. Dessa maneira, as antigas medidas voltadas para o assistencialismo social foram desativadas e a responsabilidade pela geração de empregos foi transferida do setor público para a iniciativa privada. Antigas agências e empresas estatais foram privatizadas para reduzir os custos do Estado e o resultado óbvio de tudo isso foi o desemprego em massa.

Por isso, a década de 1980 foi marcada por uma profunda estagnação econômica e desânimo nos investimentos das principais nações do planeta. As novas empresas, agora privatizadas, precisaram estabelecer uma política de contenção de custos e para isso, optavam por abrir suas filiais em países menos desenvolvidos, onde as regulamentações trabalhistas eram mais frágeis e o valor da mão-de-obra mais barato. Essa mudança de comportamento inicialmente guiada pelos norte-americanos, sob a presidência de Ronald Reagan (1981-1985/1985-1989), e pelos ingleses, sob a gestão da primeira-dama Margareth Thatcher (1979-1990) tornou-se a pauta de governo da maioria das nações capitalistas, desenvolvidas ou não, espalhadas pelo mundo.

Assim, as comunidades de regiões onde o contraste crescimento econômico e bolsões de pobreza se tornaram solos férteis para o florescimento de grupos extremistas, que consideravam os seus governos débeis e apontavam como principal causador dos problemas internos de suas respectivas regiões os indivíduos considerados estranhos àquela comunidade, imigrantes, judeus, ciganos, dentre outros. O estabelecimento de rótulos sobre esses grupos é responsável que determinadas situações sejam parte do senso comum, no sentido de que, se um imigrante estiver em péssimas condições financeiras, torna-se lugar comum associar a pobreza a quaisquer grupos migrantes. Georg Simmel (2005)^{XII} afirmava que

[...] Na relação com um "estrangeiro" ou "estranho", em um sentido positivo, porém, o que existe é um não-relacionamento. Nos contatos possíveis ele, o estranho, é sempre considerado como alguém de fora, como um não membro do grupo, portanto, as relações se dão a partir de um certo parâmetro de distanciamento objetivo, mas partindo das características essenciais de que também ele é um membro de um outro determinado grupo.[...].

Tal generalização é realizada de tal maneira que se nega o aspecto individual dos membros desse grupo.

Com o aprofundamento do processo de globalização pós-URSS, os anos 1990 foram marcados pela acentuação das problemáticas citadas acima e, nesse sentido, os movimentos radicais de extrema-direita, já presentes entre os skinheads, direcionaram-se para um caminho oposto à tendência mundial, estabelecendo organizações sociais marcadas pela ênfase a ideia

de comunidade e interpretações equivocadas de nacionalismo, promovendo dessa forma, o surgimento de uma espécie de neotribalismo, onde todos aqueles que não se inserissem nas características daquela nova organização eram vistos como um ameaça e deveriam ser eliminados.

A criação de estereótipos sobre grupos minoritários promove a sua associação a quaisquer distúrbios ocorrentes no ambiente em que estão inseridos. Simmel (2005) aponta que

[...] Indica-se, sempre, por exemplo, por meio de rebeliões de todos os tipos, que a facção atacada teria começado uma agitação a partir do exterior, por mobilização de estrangeiros. Do mesmo jeito que isso pode ser aplicado, não deixa também de ser um exagero referente ao papel específico do estrangeiro. Este, sendo mais livre, prática e teoricamente, lhe seria permitido examinar as relações de perda, medir os ideais mais gerais e mais objetivos envolvidos e, além do mais, por não se encontrar preso na sua ação por costumes, piedade, ou antecedentes de dependência. Por conseguinte, aplicando o raciocínio à ficção: os rebeldes não seriam de forma alguma culpados, e poderiam no máximo, apenas, serem instigados, e a rebelião não proceder de forma alguma deles: especulada por eles mesmos, negariam deste o começo, cada razão verdadeira da rebelião. [...].^{XIII}

Dessa maneira, torna-se completamente compreensível a produção de obras fílmicas sobre essas temáticas no início dos anos 1990. Os espaços entre uma produção e outra podem ser explicados por momentos de melhorias efêmeras daquela realidade. Contudo, diante do amadurecimento da globalização e o retorno de novos prejuízos econômicos com as crises dos Tigres Asiáticos (1997), da Bolsa de Valores da Rússia (1998) e junto com elas o Brasil (1999) e a Argentina (2001). Assim, é evidente que, num mundo globalizado, a crise de uma nação corresponde a problemas em todas as outras. Não é de se estranhar, baseado nesse raciocínio, o aumento de incidentes envolvendo grupos de extrema-direita e skinheads e consequentemente uma imensa produção de filmes sobre essas temáticas na primeira década do século XXI.

Dito isto, percebe-se que a produção cinematográfica com temáticas skinheads, o fortalecimento de um discurso político ultraconservador e o aumento da incidência de crimes relacionados a intolerância seguiram, ainda que de maneiras distintas, caminhos semelhantes.

E dessa maneira, desperta a nossa atenção a frequência de películas produzidas com essa temática nos últimos anos, o que nos leva a questionar as formas que esses filmes apresentaram a problemática citada acima.

Nesse sentido, selecionamos algumas obras para analisarmos uma das formas de representação da intolerância no alvorecer do século XXI, a associação do movimento skinhead ao neonazismo, as suas representações no cinema contemporâneo e os seus impactos na sociedade. Para isso, foi escolhido o documentário *Skinhead Atitude* (2003) por entendermos que este reúne aspectos salustares na representação do universo skinhead e de grupos políticos de extrema-direita.^{XIV} Além disso, questionamentos sobre o nacionalismo, violência urbana, anti-semitismo e intolerância são levantados de maneiras diferenciadas por esses filmes.

Skinhead Atitude: um documento para a história?

[...] Para mim os skinheads estão aqui dentro (coração). Como skinheads deve primeiro: amar seus doc martens, amar a música ska, ter a atitude correta em seu coração e na cabeça, tem que gostar de futebol, tem que gostar de agitar, como qualquer outra pessoa da subcultura, e creio que o mais importante, é ser antiracista [...] (BLOODVESSEL, Buster. extraído do documentário *Skinhead Atitude*, 2003).^{XV}

Polêmico e elucidante, o documentário *Skinhead Atitude* (2003), dirigido por Daniel Schweizer, traz em imagens aquilo que o jornalista Antonio Salas e a professora Helena Salem (1995)^{XVI} apresentaram em palavras: todos eles, de uma maneira ou de outra, buscaram ampliar a ideia daquilo que se entende enquanto skinhead. Limitar esse movimento a manifestações do neofascismo, não é só equivocado, como também reducionista.

O diretor utilizou-se de sucessivas entrevistas com bandas e grupos dos mais diferenciados possíveis, tanto os SHARP's como também os skins neonazi foram alvo de sua pesquisa, onde puderam ser percebidos posturas e comportamentos adotados por esses diferentes grupos. De acordo com Erving Goffman (2009)^{XVII} determinadas posturas assumidas pelo indivíduo, quando inseridos em um determinado meio social, é resultado da interação deste com aquilo que o autor nomeou de fachada social. Esta, a qual seria composta pelos elementos aparência



(condição em que o indivíduo se encontra) e maneira (postura assumida em determinadas situações) exigiria um comportamento específico do indivíduo, que no caso dos skins seria a citação apresentada acima. Nesse sentido, o skin assumiria com tanta frequência determinado comportamento ou máscara social que ao passar do tempo não conseguiria se dissociar dela. Dito isto, os indivíduos seriam considerados atores sociais que em certo sentido teriam alguns de seus comportamentos condicionados pelas fachadas sociais estabelecidas. Assim, o uso do doc martens, a cabeça raspada a zero, a agitação apontada pelo entrevistado seriam elementos e posturas condicionadas aos skinheads, assim como a violência, a intolerância e o neonazismo. Ao tomarmos o uso dessa indumentária como símbolos específicos desse movimento consideramos que

[...] É preciso não esquecer que, contrariamente ao que sucede na linguagem comum, a qual me diz simplesmente que o significante exprime o significado, devem-se considerar em todo o sistema semiológico não apenas dois, mas três termos diferentes; pois o que se apreende não é absolutamente um termo, um após o outro, mas a correlação que os une: termos, portanto, o significante, o significado e o signo [...] (BARTHES, p.203, 2010).^{xviii}

Acompreensão sobre signo, significado e significante são fundamentais para o entendimento da relação entre o simbólico e os indivíduos. Principalmente, quando potencializamos esse relacionamento através das diferentes maneiras de comunicação de massa, nesse caso o cinema, desenvolvidas ao longo do século XX. Roland Barthes (2010) entendia que os elementos citados acima estavam co-relacionados com a lingüística e as suas diferentes maneiras de manifestação.

Apesar disso, Barthes (2010) chama a atenção, pois mesmo que existam diversos métodos para que a relação signo-indivíduo possa ser analisada, ela consiste na representação do eu, isto é, de alguém, sendo dessa forma, uma deformidade criada por quem o observa e com isso poderiam ser considerados elementos de identidade associados ao momento histórico no qual ela estaria imersa.

Dessa maneira, a condição estruturante do signo em sua apresentação forma/substância deve ser analisada com atenção já que para Barthes (2006)^{xix} a sociedade burguesa tende a produzir objetos padronizados e normativos e certamente responsáveis por uma semantização



universal de usos. Nesse sentido, entender a composição forma/substância corresponde ao estudo dos elementos que constituem o signo: Significado e significante.

O autor argumenta que o significado não pode ser resumido a representação mental do elemento, isto é, a imagem mental que se tem de algo. Para ele, o significado corresponderia àquilo que pode ser dito e dessa maneira não seria ato de consciência ou realidade, já que a única diferença que o separa do significante é que este último consiste num mediador que ao se unir com o significado corresponderia ao processo de significação tendo como resultado o surgimento do signo.

Se tomarmos o cinema como um instrumento de apresentação de signos da contemporaneidade, perceberemos que Marc Ferro^{XX} já apresentava um exemplo da relação descrita acima nos anos 1970 ao discutir os conceitos de visível e de não-visível, ao estabelecer essa análise, o autor buscou dissociar a ideia de que o cinema consistiria apenas numa obra de arte. Para ele, as significações sobre mesmo são amplas, e o estudo delas apresentam propostas que vão muito além daquilo que é aparente. Pois, como constatou José D'Assunção Barros:^{XXI} A mais fantasiosa obra cinematográfica de ficção traz por trás de si ideologias, imaginários, relações de poder, padrões de cultura. (BARROS, p.53, 2008).

Com o intuito de esclarecer os diferentes comportamentos assumidos pelos skins, Schweizer selecionou diversas bandas. Dentre as entrevistadas, destacam-se: Bad Manners e o seu vocalista (Buster Bloodvessel), Laurel Aitkem, Sham 69 e seu vocalista Jimmy Pursey, Fred Skarface, dentre outros. Além disso, Schweizer realizou entrevistas com integrantes e ex-integrantes de grupos neonazi como o Blood and Honour e Combat 18, além de utilizar vídeos, fotos, ambientes e costumes para construir o seu trabalho.

De acordo com ele, o movimento skinhead teria surgido como mais uma subcultura criada entre os anos 60 e 70. Fruto de um caldeirão cultural, os skins são contemporâneos de outros grupos como os mods, rockers, punks, os quais teriam nascido associados a ritmos musicais provenientes de diversas regiões. A variedade desses teria sido responsável pela grande diversidade entre os seus membros, e na sua origem, não teriam existido divergências marcantes entre brancos e negros.

Schweizer nos mostra que a entrada de idéias e comportamentos nazistas seriam consequência de uma tentativa de rebelião contra as gerações anteriores, já que estas teriam participado da



2ª Guerra Mundial contra o nazismo. Dessa maneira, adotar vestimentas e realizar saudações fascistas era o mais alto grau de rebeldia contra os pais. A partir dos anos 70, com o surgimento da banda Sex Pistols e do cenário punk, o movimento skin se radicalizou. Era necessário para vários de seus integrantes, diferenciar-se das ovelhas, encontrar sua própria identidade.

Anos mais tarde, com o surgimento da banda Screwdriver (1976), liderada pelo vocalista Ian Stuart – fundador do grupo Blood and Honour - letras de caráter anti-semita, marcadas pela intolerância contra negros, homossexuais e imigrantes, além de ideias neonazistas, tornaram-se lugar comum na comunidade skin, provocando dessa maneira uma notória divisão no movimento, agravadas pela aproximação de partidos conservadores e de extrema-direita como British National Party (Partido Nacional Britânico - BNP) aos grupos skins. A criação de instituições como o Blood and Honour e o Combat 18 contribuíram para o aumento da violência entre os diferentes grupos, os quais se sentem vitimizados por uma suposta conspiração judaica que pretende dominar o mundo. Várias imagens apresentadas durante o documentário, onde neonazi skins empunham armas de todos os tipos, comprovam essa tendência. Além disso, a associação desses grupos a outros mais enraizados como a Ku Klux Klan, promovem a criação de um cenário de guerra, onde todos eles racistas ou não se tornam vítimas.

Se de um lado, vários deles aderiram ao neofascismo, muitos outros mantiveram-se contra essa influência. Para aqueles que se opõe ao neofascismo, os neonazi skins não são skinheads de verdade, pelo contrário, são rotulados apenas como racistas ou neonazistas, pois ignoraram as origens do movimento skin marcada pela contribuição de várias outras culturas, como o reagge, calipso, mento, as quais foram trazidas por imigrantes jamaicanos.

Além de se oporem aos racistas, os SHARP's ampliaram as suas críticas para outras questões. A globalização e os seus efeitos é um exemplo disso. A despolitização de vários dos seus membros também é alvo de críticas para os militantes mais assíduos. Contudo, os assassinatos e as perseguições tornam a situação entre esses grupos ainda mais problemática. Schweizer os denominou de filhos de Caim e Abel, devido a sua origem comum e a sua relação conflituosa. Mesmo assim, nota-se que apesar de sua dicotomia, todos eles, neofascistas ou antifascistas, buscam de forma dramática uma identidade, num mundo cada vez mais distorcido pelas relações mundializantes.



Considerações Finais

A formação de grupos denominados skinheads^{XXII} é uma tônica nos últimos 30 anos. O seu surgimento esteve relacionado a múltiplos fatores que vão desde razões econômicas até manifestações culturais. As influências da música e de posturas de contracultura foram fundamentais nessas tribos urbanas, de tal maneira que podemos mergulhá-lo no mesmo caldeirão cultural gerador do movimento punk.

A mundialização, os problemas da contemporaneidade e as crises sistemáticas do capitalismo propiciaram a proliferação de grupos skins por diversos países, inclusive o Brasil. Esta acabou despertando a atenção de intelectuais que buscaram entender e explicar as origens desses grupos e a acelerada adesão, de uma parte deles, a ideias de caráter neofascista, anti-semita e de exacerbado nacionalismo.

A enorme produção fílmica sobre esse tema, principalmente no primeiro decênio do século XXI, despertou a nossa atenção, o que provocou a catalogação de algumas películas centrais para a construção de um estudo sobre as formas que esse movimento foi retratado ao longo desse período.

Foi percebido que em suas primeiras produções como *A Força Branca* (Romper Stomper - 1992) a discussão sobre o skinhead era extremamente superficial e reducionista, limitada a restringi-lo a sua relação com o neonazismo. Contudo, com o passar dos anos e a partir da exibição de *A Outra História Americana* (American History X – 1998) a discussão sobre essa temática nas películas tomaram outro rumo.

De certa forma, foi percebida a preocupação de seus diretores em apresentar um movimento muito mais amplo daquele exibido em *A Força Branca*. Em *A Outra História Americana*, a atuação de indivíduos carregados de ideias autoritárias e preconceitos latentes na sociedade americana seriam responsáveis pela disseminação do ódio racial e de violentas disputas territoriais.

Sintomas esses, que também puderam ser sentidos no Brasil, com a proliferação de grupos de extrema-direita em regiões industrializadas como São Paulo e Rio de Janeiro que concebem os nordestinos como os grandes responsáveis pelo atraso e subdesenvolvimento brasileiro.



Tais grupos como os Carecas do subúrbio, os Carecas do ABC e o White Power são apenas alguns de uma lista demasiadamente extensa.

A discussão sobre essa temática então ganhou fôlego, devido aos sucessivos casos de violência urbana associada à intolerância, o que provocou a produção de outros diversos filmes que ampliaram esse debate através de perspectivas diferenciadas. Esse é o caso de Tolerância Zero (The Believer - 2001) que coloca em seu cerne a discussão a respeito do anti-semitismo.

A partir daí, a produção de películas onde os skinheads eram representados em filmes de violência urbana, tornaram-se um lugar comum no cinema internacional. Tanto em produções consideradas fracas em sua abordagem, como é o caso de Fuhrer-EX (2002) e Hooligans (2005), como também em filmes considerados profundos e bastante reflexivos como This is England (2006) e Botas de aço (2006). Evidentemente, é necessário ressaltar que esse tema não se limitou a ficção. Pois, documentários como o polêmico e elucidante Skinhead Attitude! (2003) apresentaram uma nova visão a respeito das caracterizações do movimento skinhead. As obras acima apresentaram visões e formas de representações gerais sobre esse grupo e a maneira como este se relacionava com ideias anti-semitas, nacionalistas, autoritárias e neofascistas. Outras obras produzidas neste decênio, que apesar de não possuir o skin como centro de suas temáticas, apresentaram ótimas abordagens sobre a relação dessas ideias com os jovens. Pois, Evil - Raízes do mal (Ondskan - 2003) e A Onda (Die Welle - 2008) possuíram como ponto em comum, o ambiente no qual suas histórias foram retratadas e apresentaram a escola como um meio facilitador para construção de identidades e responsável pela difusão de propostas autoritárias.

Dessa maneira, a produção constante de filmes com essa linha apresenta-se como uma tentativa de evidenciar um fenômeno crescente e que em larga medida está associado ao movimento skinhead, que é o surgimento de tribos urbanas marcadas pela intolerância e que buscam de formas violentas construir identidades em um mundo cada vez mais globalizado. Soma-se a isso, o surgimento de uma nova direita e a sua atuação no alistamento desses jovens em ideias extremadas.

Com isso, entendemos essas obras fílmicas como uma maneira de elucidar a sociedade e promover debates sobre o surgimento de problemas históricos e sociais pertencentes à



mundialização e a contemporaneidade. Além disso, ao conceber o cinema como um veículo de exibição e transmissão de signos e linguagens pertencentes aos instrumentos de comunicação de massa, nota-se que este pode sugerir, de maneira consciente ou não, comportamentos e posturas que promovem reflexos sociais.

Notas

^I Graduado no Curso de História pela Universidade Federal de Sergipe onde integra o Grupo de Estudos do Tempo Presente (UFS-CNPq) e desenvolve pesquisa sobre Cinema, Representações e Intolerância pelo programa de mestrado do Núcleo de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (NPPCS/UFS). E-mail: pauloteles_aju@hotmail.com Este trabalho foi orientado pelo Professor Doutor Paulo Sérgio da Costa Neves (NPPCS/UFS).

^{II} FUKUYAMA, Francis. O fim da história e o último homem. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

^{III} VIRILIO, Paul. Cíbermundo: a política do pior. Lisboa: Teorema, 2000.

^{IV} Ver BAUMAN, Zygmunt. Globalização: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.p.21.

^V Ver BAUMAN, Zygmunt. Modernidade e Holocausto. Rio de Janeiro, ed. Zahar, 1998.p. 53.

^{VI} Moradores de comunidades carentes, como por exemplo, favelas, guetos e bairros pobres. Além disso podemos citar tribos urbanas como skinheads, punks, dentre outros.

^{VII} Ver NÓVOA, Jorge; SILVA, Marcos. Cinema-História e Razão-Poética: O que fazem os profissionais de História com os filmes?. apud: PESAVENTO, Sandra J. ... [et al]. Sensibilidades e Sociabilidades: Perspectivas de pesquisa. Goiânia. ed. UCG, 2008.

^{VIII} SCHWEIZER, Daniel. Skinhead Atitude!. [Filme-documentário]. Produção e Distribuição Werner Schweizer Samir e Annette Pisacane. SUÍÇA / FRANÇA / ALEMANHA, 2003. DVD, 93min. color. son.

^{IX} KORNIS, Mônica Almeida. Cinema, Televisão e História. Rio de Janeiro. Jorge Zahar ed, 2008; NOVA, Cristiane. Narrativas históricas e cinematográficas. IN: NÓVOA, Jorge; FRESSATO, Soleni Biscouto; FEIGELSON, Kristian (Orgs). Cinematógrafo: Um olhar sobre a História. Salvador: EDUFBA; São Paulo: ed da UNESP, 2009; NÓVOA, Jorge; FRESSATO, Soleni Biscouto; FEIGELSON, Kristian (Orgs). Cinematógrafo: Um olhar sobre a História. Salvador: EDUFBA; São Paulo: ed da UNESP, 2009.

^X Sobre Fascismo e Neofascismo ver PAXTON, Robert O. A anatomia do Fascismo. ed. Paz e Terra. São Paulo, 2007.

^{XI} Política econômica estabelecida após a Crise de 29 e consolidada com o final da 2ª Guerra Mundial. Era caracterizada pela influência das ideias do economista John Maynard Keynes, o qual teria defendido uma relativa participação do Estado em políticas públicas que garantissem o bem-estar da sociedade através de políticas de assistência social e geração de empregos.



^{XII} Ver SIMMEL, Georg. O Estrangeiro IN: Sociologia. Estudos sobre as formas de sociação. tradução KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Revista Brasileira da Sociologia da Emoção, Vol. 4, nº 12, dezembro de 2005 Disponível em . Acesso 20 mar. 2011. p.270.

^{XIII} Ver SIMMEL, Georg. O Estrangeiro IN: Sociologia. Estudos sobre as formas de sociação. tradução KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Revista Brasileira da Sociologia da Emoção, Vol. 4, nº 12, dezembro de 2005 Disponível em . Acesso 20 mar. 2011. p.268.

^{XIV} Ver SILVA, Francisco Carlos Teixeira da, VIANA, Alexander Martins. Dicionário crítico do pensamento da direita: idéias, instituições e personagens. Rio de Janeiro: FAPERJ/Mauad, 2000. p.175.

^{XV} Ver SCHWEIZER, Daniel. Skinhead Atitude!. [Filme-documentário]. Produção e Distribuição Werner Schweizer Samir e Annette Pisacane. SUÍÇA / FRANÇA / ALEMANHA, 2003. DVD, 93min. color. son.

^{XVI} Ver SALEM, Helena. As Tribos do Mal: O neonazismo no Brasil e no mundo. São Paulo. ed. Atual, 1995.

^{XVII} Ver GOFFMAN, Erving. A Representação do Eu na vida cotidiana. Petrópolis. ed. Vozes, 2000.

^{XVIII} Ver BARTHES, Roland. Mitologias. Rio de Janeiro. ed. Difel, 2010.

^{XIX} Ver BARTHES, Roland. Elementos de semiologia. São Paulo. ed. Cultrix, 2006.

^{XX} Ver FERRO, Marc. Cinema e História. São Paulo. ed. Paz e Terra S.A., 1992.

^{XXI} Ver NÓVOA, Jorge; BARROS, José D'Assunção (Orgs). Cinema-História: Teoria e Representações sociais no cinema. Rio de Janeiro. ed. Apicuri, 2008.

^{XXII} Ver CAMUS, Jean-Yves. Skinheads. In: MEDERIOS, Sabrina Evangelista, SILVA, Francisco Carlos Teixeira da, VIANA, Alexander Martins. Dicionário crítico do pensamento da direita: idéias, instituições e personagens. Rio de Janeiro: FAPERJ/Mauad, 2000. p.417-419; DAMASCENO, Natalia Abreu. Skinheads e cinema: A Outra História. Rio de Janeiro: Revista Eletrônica Boletim do TEMPO, Ano 4, Nº17, Rio, 2009 [ISSN 1981 3384]. Disponível em: < http://www.tempopresente.org/index.php?option=com_content&task=view&id=4941&temid=152 > Acesso em: 07 nov. 2009. 16:20:00; SALAS, Antônio. Diário de um skinhead: Um infiltrado no movimento neonazista. São Paulo. ed. Planeta do Brasil, 2006.

Referências Bibliográficas

BARTHES, Roland. **Elementos de semiologia**. São Paulo. ed. Cultrix, 2006;

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Rio de Janeiro. ed. Difel, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999;

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Holocausto**. Rio de Janeiro, ed. Zahar, 1998.

CAMUS, Jean-Yves. Skinheads. In: MEDERIOS, Sabrina Evangelista, SILVA, Francisco Carlos Teixeira da, VIANA, Alexander Martins. **Dicionário crítico do pensamento da**



direita: idéias, instituições e personagens. Rio de Janeiro: FAPERJ/Mauad, 2000. p.417-419.

FERRO, Marc. **Cinema e História.** São Paulo. ed. Paz e Terra S.A., 1992.

FUKUYAMA, Francis. **O fim da história e o último homem.** Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na vida cotidiana.** Petrópolis. ed. Vozes, 2009.

KORNIS, Mônica Almeida. Cinema, Televisão e História. Rio de Janeiro. Jorge Zahar ed, 2008; NOVA, Cristiane. Narrativas históricas e cinematográficas. IN: NÓVOA, Jorge; FRESSATO, Soleni Biscouto; FEIGELSON, Kristian (Orgs). **Cinematógrafo: Um olhar sobre a História.** Salvador: EDUFBA; São Paulo: ed da UNESP, 2009; NÓVOA, Jorge; FRESSATO, Soleni Biscouto; FEIGELSON, Kristian (Orgs). **Cinematógrafo: Um olhar sobre a História.** Salvador: EDUFBA; São Paulo: ed da UNESP, 2009.

NÓVOA, Jorge; BARROS, José D'Assunção (Orgs). **Cinema-História: Teoria e Representações sociais no cinema.** Rio de Janeiro. ed. Apicuri, 2008.

NÓVOA, Jorge; SILVA, Marcos. **Cinema-História e Razão-Poética: O que fazem os profissionais de História com os filmes?.** apud: PESAVENTO, Sandra J. ... [et al]. Sensibilidades e Sociabilidades: Perspectivas de pesquisa. Goiânia. ed. UCG, 2008.

PAXTON, Robert O. **A anatomia do Fascismo.** ed. Paz e Terra. São Paulo, 2007.

SALEM, Helena. **As Tribos do Mal: O neonazismo no Brasil e no mundo.** São Paulo. ed. Atual, 1995.

SCHWEIZER, Daniel. **Skinhead Atitude!.** [Filme-documentário]. Produção e Distribuição Werner Schweizer Samir e Annette Pisacane. SUÍÇA / FRANÇA / ALEMANHA, 2003. DVD, 93min. color. son.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da, VIANA, Alexander Martins. **Dicionário crítico do pensamento da direita: idéias, instituições e personagens.** Rio de Janeiro: FAPERJ/Mauad, 2000. p.175.

SIMMEL. Georg. **O Estrangeiro** IN: **Sociologia. Estudos sobre as formas de sociação.** tradução KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Revista Brasileira da Sociologia da Emoção, Vol. 4, nº 12, dezembro de 2005 Disponível em . Acesso 20 mar. 2011.

VIRILIO, Paul. **Cibermundo: a política do pior.** Lisboa: Teorema, 2000.